

EVANGELHO

MEDITAÇÃO

DOMINGO XVII DO TEMPO COMUM

EVANGELHO Jo 6, 1-15

Naquele tempo, Jesus partiu para o outro lado do mar da Galileia, ou de Tiberíades. Seguiu-O numerosa multidão, por ver os milagres que Ele realizava nos doentes. Jesus subiu a um monte e sentou-Se aí com os seus discípulos. Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus. Erguendo os olhos e vendo que



uma grande multidão vinha ao seu encontro, Jesus disse a Filipe: «Onde havemos de comprar pão para lhes dar de comer?». Dizia isto para o experimentar, pois Ele bem sabia o que ia fazer. Respondeu-Lhe Filipe: «Duzentos denários de pão não chegam para dar um bocadinho a cada um». Disse-Lhe um dos discípulos, André, irmão de Simão Pedro: «Está aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?». Jesus respondeu: «Mandai-os sentar». Havia muita erva naquele lugar e os homens sentaram-se em número de uns cinco mil. Então, Jesus tomou os pães, deu graças e distribuiu-os aos que estavam sentados, fazendo o mesmo com os peixes; e comeram quanto quiseram. Quando ficaram saciados, Jesus disse aos discípulos: «Recolhei os bocados que sobraram, para que nada se perca». Recolheram-nos e encheram doze cestos com os bocados dos cinco pães de cevada que sobraram aos que tinham comido. Quando viram o milagre que Jesus fizera, aqueles homens começaram a dizer: «Este é, na verdade, o Profeta que estava para vir ao mundo». Mas Jesus, sabendo que viriam buscá-l'O para O fazerem rei, retirou-Se novamente, sozinho, para o monte.

Palavra da Salvação

JESUS, O COMPASSIVO QUE NOS SACIA

A liturgia deste XVII domingo do Tempo Comum convida-nos a aceitar Cristo, Aquele que nos sacia da fome e da sede e nos leva à comunhão com Ele até ao Pai. O Evangelho de São João que meditamos neste domingo apresenta-nos o milagre da multiplicação dos pães. Jesus Cristo é o novo Eliseu que, da Sua generosidade e compaixão, satisfaz os anseios e preocupações da Humanidade. Ele dá-nos de comer da Sua Palavra e do Seu corpo e sangue em cada Eucaristia.

Podemos afirmar que a compaixão é o fundamento e o início de toda a boa obra. Jesus, compassivo e generoso, saciou a fome de cinco mil homens famintos. A compaixão leva-nos a amar, a ajudar, a procurar a salvação das várias situações desagradáveis que existem na sociedade atual. Sem a compaixão e a generosidade ficaríamos fechados, cada qual no seu círculo. A compaixão leva-nos a sair ao encontro dos outros. Como referiu o Santo Padre Francisco “o coração de Deus, o coração de Jesus comove-se, e vê, vê aquelas pessoas, e não pode ficar indiferente. O amor é inquieto. O amor não tolera a indiferença. O amor tem compaixão. Mas compaixão significa colocar o coração em risco; significa misericórdia. Jogar o próprio coração para os outros: isso é amor. O amor é colocar o coração em risco para os outros”.



Além disso, através deste milagre fazemos experiência com Deus, que supera todos os caminhos dos impossíveis na nossa vida. Com apenas cinco pães e dois peixes, saciou a fome de muitos. Como anunciou o Anjo a Maria, na passagem da anunciação, “a Deus nada é impossível” (Lucas 1, 37), devemos apenas confiar porque do nada

Deus pode fazer surgir uma novidade na nossa vida.

O milagre da multiplicação dos pães vem-nos ensinar, também, a sermos solidários com quem sofre. A imagem do menino com cinco pães e dois peixes, somos chamados a partilhar tudo o que temos e possuímos, desde o nosso talento até ao nosso tempo. A experiência com Jesus faz-nos alcançar muitas graças, para as quais somos convidados a acolhê-las. Quem encontra Jesus fica saciado.

A multiplicação dos pães deve ser entendida como sinal que nos remete para uma realidade maior, que é a identidade de Jesus. Por isso, no Evangelho de São João, estes acontecimentos são chamados de sinais e não de milagres. Eles conduzem. Portanto, Jesus quer-nos convidar como povo de Deus ao encontro da Sua verdadeira imagem ou identidade. Ele é O Filho de Deus, é O Messias prometido. Ao multiplicar aqueles cinco pãezinhos de cevada e os dois peixes, Jesus Cristo pede que tenhamos fé. Por isso, espera dos doze um ato de fé e confiança. Se o Senhor está ao nosso lado, tudo podemos. Com Ele, meio pão é mais do que o bastante para saciar uma multidão faminta.

Pistas de Reflexão

- *Quantas vezes fiquei indiferente perante uma situação de miséria?*
- *Será que confio no poder de Deus nas provações da minha vida?*

Votos de uma excelente semana repleta de paz, saúde e alegria para todos vós caros amigos e paroquianos. Desejo, também, a todos os avós muitas felicidades e longevidade.

Pe. Andrew Prince, C.S.Sp

TEMÁTICA

O SENTIDO DA FÉ E DOS CARISMAS NO POVO CRISTÃO

O Povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade oferecendo a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que confessam o Seu nome (cfr. Hebr. 13,15). A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Santo (cfr. Jo. 2, 20 e 27), não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do povo todo, quando este, «desde os Bispos até ao último dos leigos fiéis» (22), manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes. Com este sentido da fé, que se desperta e sustenta pela ação do Espírito de verdade, o Povo de Deus, sob a direção do sagrado magistério

que fielmente acata, já não recebe simples palavras de homens, mas a verdadeira palavra de Deus (cfr. 1 Tess. 2,13), adere indefetivelmente à fé uma vez confiada aos santos (cfr. Jud. 3), penetra-a mais profundamente com juízo acertado e aplica-a mais totalmente na vida.

Além disso, este mesmo Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas «distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz» (1 Cor. 12,11), distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: ; «a cada qual se concede a manifestação do



Espírito em ordem ao bem comum» (1 Cor. 12,7). Estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Não se devem, porém, pedir temerariamente, os dons extraordinários nem deles se devem esperar com presunção os frutos das obras apostólicas; e o juízo acerca da sua autenticidade e reto uso, pertence àqueles que presidem na Igreja e aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito mas julgar tudo e conservar o que é bom (cfr. 1 Tess. 5, 12. 19-21).

Lumen Gentium, sobre a Igreja n.º 12



AGENDA E AVISOS PAROQUIAIS

- Se algum paroquiano tiver um **computador em bom estado, que já não o utilize, e que queira oferecer para uma boa causa**, pode falar com o Pároco. Desde já o nosso muito obrigado.
- A todos os paroquianos que vão de férias desejo um excelente descanso. Cuidem-se bem.